

SAMUEL RAWET E CLARICE LISPECTOR: ENTRE DESAGREGAÇÕES E DESLOCAMENTOS

Thays Freitas de Almeida Pena (UFF/CAPES)

Orientadora: Stefania Rota Chiarelli

Doutoranda

RESUMO: Samuel Rawet e Clarice Lispector instauraram a ruptura à tradição do conto brasileiro e inauguraram a própria forma de engendrar o texto e conceber a literatura. Na obra dos autores o encontro com o outro perpassa o espelhamento do eu, embate que acontece de forma conflituosa para os personagens claricianos e rawetianos. Logo, objetivo analisar de que forma a alteridade configura-se nas obras *Contos do imigrante* e *Laços de família*, de Samuel Rawet e de Clarice Lispector, respectivamente. Como aporte teórico, utilizo os estudos presentes em textos de Sigmund Freud, Julia Kristeva, Edward Said, Eugène Enriquez, entre outros que serviram para fundamentar a pesquisa. Conforme Julia Kristeva (1994, p. 9), “o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade”, portanto o estudo realça a inadaptação humana aos círculos sociais, além da incapacidade de dizer, a sensação de não estar no mundo. A ideia do estrangeiro que habita em cada pessoa faz-se presente nos contos de Samuel Rawet e Clarice Lispector, da mesma forma que eleva a reflexão do estrangeiro como condição intrínseca ao ser humano, que pode sentir-se estrangeiro diante da vida e/ou de suas relações afetivas.

PALAVRAS-CHAVE: Desajuste; Contos; Samuel Rawet; Clarice Lispector.

*“Não há solução para a Estranheza. Ela é eterna e radical.
Não é mesmo o problema de querer que ela o seja. Ela é.
É esse o exotismo radical. É a regra do mundo”.¹
(Jean Baudrillard)*

¹ Na obra *A transparência do mal* (2003, p. 146), tradução de Estela dos Santos Abreu, ocorre a supressão de um trecho da versão original francesa: “[...] Esse é o exotismo radical. É a regra do mundo. Não é uma lei”. Por isso, optei por colocar a tradução de minha autoria do excerto citado: “*Il n’y a pas de solution à l’Etrangeté. Elle est éternelle et radicale. Ce n’est même pas le problème de vouloir qu’elle le soit. Elle l’est. C’est ça l’Exotisme radical. C’est la règle du Monde*” (BAUDRILLARD, 1990, p. 145).

Samuel Urys Rawet nasceu no dia 23 de julho de 1929, na pequena cidade polonesa de Klimotov. Veio com a mãe e os irmãos para o Brasil com apenas sete anos de idade, aqui se naturalizando em 1936. Com poucos recursos, instalaram-se na zona norte, no subúrbio do Rio de Janeiro, lugar que serviria de laboratório de experiências a serem recriadas em suas obras. Engenheiro calculista, ajudou a construir o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, além de trabalhar com Oscar Niemeyer na construção de Brasília. Samuel Rawet faleceu solitário e desconhecido do grande público em Sobradinho, cidade satélite de Brasília, no dia 25 de agosto de 1984.

Já Clarice Lispector nasceu em 1920, na Ucrânia, numa pequena aldeia chamada Tchechelnik. Chegou ao Brasil com apenas dois meses de idade, em Maceió, para após mudar-se para Recife e enfim para o Rio de Janeiro. Solicitou naturalização em janeiro de 1943 para o seu casamento com o diplomata Maury Gurgel Valente. Segundo Nádya Gotlib, “é quando atualiza sua identidade, comunicando oficialmente a nova nacionalidade, a brasileira, paralelamente ao seu nome de casada, em setembro desse mesmo ano” (1995, p. 59). Formou-se em Direito, contudo foi a carreira jornalística que perdurou em sua vida. Trabalhou como redatora na Agência Nacional, na qual firmou amizades com futuros romancistas de renome. Morou no exterior para acompanhar o marido, lugar em que escreveu parte de suas obras, porém a maioria de sua produção foi realizada em solo brasileiro, onde fora publicada. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro de 1977.

Diante da desagregação de serem estrangeiros naturalizados no Brasil, ambos vivem uma dupla vinculação. Essa já mencionada por Tzvetan Todorov ao falar de sua experiência como estrangeiro: “minha dupla vinculação produzia apenas um resultado: aos meus próprios olhos, ela surpreendia pela inautenticidade cada um de meus dois discursos, já que cada um podia apenas corresponder à metade do meu ser, ou então eu era um duplo” (1999, p. 19). Desse modo, a dupla vinculação do estrangeiro é justamente pertencer tanto ao local de origem quanto ao de acolhida, e também não se sentir pertencente a nenhum dos dois espaços.

Rawet tal qual Clarice, viveu marcado pela inadaptação, pela impossibilidade de ser no mundo. Chamo atenção para a entrevista na qual a admiração e identificação com a escrita clariciana se torna evidente quando Rawet exterioriza:

Estou pensando em fazer um trabalho sobre a Clarice. [...] Acho a Clarice uma figura excepcional, por uma série de motivos. O título do trabalho é

Aventura de uma consciência judaica em Clarice Lispector. Essa abordagem de linguagem que vem sendo feita em torno dela, não me parece apropriada. Estão estudando a linguagem como se ela fosse intencional. Mas o que ocorre com Clarice é um tipo de consciência particular que ela tem. Um modo específico e completamente diferente de ver a realidade. Com a ambiência que ela teve até a fase de adulto, tudo isso forma uma consciência particular. E determina *A paixão segundo G.H.*, *A maçã no escuro*. A relação de Clarice com a realidade não é a mesma, por exemplo, de José Lins do Rego. Não pode ser. José Lins tem uma relação com a realidade imediata. Um cajueiro é um cajueiro. Uma fazenda é uma fazenda. Para Clarice, muitas vezes, não é imediatamente um cajueiro. Ela tem que trabalhar interiormente até chegar ao cajueiro como cajueiro, na realidade brasileira, é claro (1971, p. 1).

Ele aborda a distinção da apreensão da realidade brasileira para quem não possui o idioma português como língua materna. Berta Waldman afirma que esta apreensão da realidade brasileira realizada pelo escritor imigrante “é sempre mediatizada, necessitando de certa forma de ‘interpretação’” (2003, p. XXIV). A respeito do trabalho realizado na escrita clariciana, Rawet explicita que Clarice não opera a linguagem no cerne, mas sim no avesso. Ela instaura uma nova forma de conceber a linguagem literária.

A desagregação vivida por Samuel Rawet e Clarice Lispector não é limitada ao deslocamento físico, ao simples fato de ser imigrante. A própria condição humana de estar no mundo caracteriza o estranhamento, o ser estrangeiro, nas obras *Contos do imigrante* e *Laços de família*. Esses livros são uma busca por identidade, pelo encontro com o outro. Personagens em desajuste, que se encontram em um meio que não lhe é familiar. Destarte, o norte dessa pesquisa é compreender a condição humana presente nessas obras e de que forma o outro é configurado em suas muitas percepções.

Rawet e Clarice viveram no entre, no espaço intermediário e paradoxal. Uma vez que os autores são cindidos por identidades e culturas, isto manifesta-se tanto na obra quanto na vida dos dois. Nelson Vieira declara que os autores demonstram-nos que “o verdadeiro locus da cultura está no indivíduo” (2008, p. 486). Por esse motivo, ver o sujeito como grupo ou pertencente a uma nação é também entender de que maneira essa identidade será constituída coletivamente. À vista disso, no intuito de construir uma identidade nacional pode emergir não raramente um impulso de reprimir as diferenças. “Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu” (TODOROV, 1993, p. 3). Em Rawet e Clarice a diferença é constituinte da identidade

descentrada do sujeito, é através dela que a alteridade é contextualizada e se faz presente em suas obras.

Tal condição de descentramento e desenraizamento do indivíduo remonta a uma questão já abordada por Edward Said, na obra *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003). Ali, ele realiza a seguinte classificação: o exilado (que tem a saída de sua terra natal por banimento), o refugiado (saída por uma situação política – ideia associada a grandes rebanhos), o expatriado (saída voluntária por motivos pessoais ou sociais) e o emigrado (vive uma situação ambígua: sua saída pode ser possibilidade de escolha, porém vive o exílio).

Para Said (2003), o exílio é uma condição de perda terminal, nessa perspectiva o conto rawetiano “Gringuinho” expressa a inquietação daquele que não se sente parte alguma: “da vingança intentada restara a frustração que se não explica por sabê-la impossível” (RAWET, 1956, p. 47). Nesta narrativa, um menino judeu é constantemente humilhado em sala de aula e recebe a alcunha de “gringuinho”. A criança não domina o idioma é constantemente deixada à margem no contexto escolar. No entanto, em um determinado dia ocorre o revés: após a professora castigá-lo com a régua, o menino reage e defere um golpe nela. Quando então ele retorna a sua casa, amendrotado pela ideia de ser punido pela mãe por causa do que fizera na escola. Na passagem apresentada do conto, o protagonista apresenta seu estado constante de inquietação e frustração diante de sua vida, além da impossibilidade de expressar esse sentimento, corroborando o pensamento de Said (2003) de que o exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro.

Tal como Rawet, Clarice também apresenta em seus contos personagens que vivem a condição de exílio, embora menos precisamente no tocante da territorialidade, mas evidente através da perspectiva existencial. No conto “Amor”, a personagem Ana vive a quebra da placidez, a qual o exílio interior impele. Ao notar o cego no ponto de ônibus, percebe que aquela imagem destruiu toda a ideia que ela nutria sobre sua vida com o simples ato de mascar goma. A partir disso, ela começa a ver tudo a sua volta de maneira diferente: “E um cego mascarando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca” (LISPECTOR, 1960, p. 27). Ana derrubou as compras devido ao choque que a cena provocara, um cego mascarando goma no ponto de ônibus era algo que de várias formas rompia com suas crenças de urgências e afazeres cotidianos. Rompia também com aquele mundo que a aprisionava, pois a epifania de Ana desfaz o pensamento dela de estar satisfeita com a vida que levava.

Edward Said explicita que “o exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente” (2003, p. 60). E logo adiante da fronteira entre “nós” e “os outros” está o perigoso território do não-pertencer, do entre-lugar, “para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas” (SAID, 2003, p. 50). Esse exílio de que trata Said, pode ser notado em Rawet e Clarice por meio das trajetórias vividas por ambos. Além de estar presente na condição existencial humana na qual os personagens das obras *Contos do imigrante* e *Laços de família* estão imersos. Ocorre que por estar nesse entre-lugar, Rawet e Clarice possuem o distanciamento necessário para uma maior liberdade poética em seus contos, aquilo que Said considera como uma visão independente, pois encontram-se em posição de ter um olhar diferenciado sobre as culturas as quais pertencem.

Nos contos rawetianos e claricianos são assinaladas a presença oblíqua (no caso de Clarice) ou mesmo aparente (em Rawet) de culturas diferentes: judaica e brasileira. Essa dualidade cultural fora apontada por Todorov concernindo a impossibilidade do estrangeiro: “a palavra dupla revelava-se uma vez mais impossível e encontrava-me cindido em duas metades, uma tão irreal quanto a outra” (1999, p. 21). A irrealidade de ser apenas uma metade deve-se ao fato de que para o estrangeiro é impensável escolher entre uma e outra. Para poder ser no mundo, o estrangeiro aprende como viver nesse caminho do meio, no qual transita entre uma cultura e outra, em que as duas formam esse terceiro. É através desse novo caminho que Rawet e Clarice inauguram uma forma de conceber o texto, transfigurando a linguagem de tal maneira que é ali, na prosa, que os dois exprimem o indizível e suas impossibilidades.

Existir no mundo é essencialmente um exercício de coexistência. Conseqüentemente, o ser humano toma consciência de si quando entra em contato com o outro. Esse outro que vem sob muitas formas, que não necessariamente oposição, nem a suplementação de si. Heidegger (apud AUGRAS, 1986, p. 56) elucida que “mesmo sem a presença do outro, o ser no mundo é ser com os outros”. A partir do conhecimento do outro, compreende-se o sentido da coexistência. Por isso, “o outro é um duplo de si”. Monique Augras (1986) fixa que a situação de estar no mundo é diretamente marcada pela estranheza.

O outro fornece o modelo para a construção de si. Posto isto, a ideia da nossa própria consciência será engendrada a partir da coexistência com o outro, pois ele está em nós. Isto é,

o “eu” necessita de um outro para a construção de si. Por consequência, o “Outro é que possibilita a existência do sujeito” (HOMEM, 2012, p. 161). Eugène Enriquez evidencia que “a confrontação com o si mesmo nos revela progressivamente os abismos que nos habitam” (1998, p. 38). Nos contos rawetianos e claricianos, o encontro com o outro ocorre de maneira sempre conflituosa. Diante disso, o sentimento de estranheza perante a vida atravessa a contística dos autores.

Com efeito, Sigmund Freud analisou extensivamente o termo, em seu conhecido ensaio *Das Unheimlich* (O inquietante). Ele antecipa que os caminhos levam ao mesmo resultado: “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 2010, p. 331). Através da etimologia, Freud distingue os sentidos que a palavra *heimlich* pode adquirir em determinadas línguas, além de estabelecer o contraponto com o significado do termo *unheimlich*. Porquanto, conclui que “a palavra *heimlich* ostenta, entre suas várias nuances de significado, também uma na qual coincide com o seu oposto, *unheimlich*” (FREUD, 2010, p. 337). Para Freud, o que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*, o estranho é “tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, 2010, p. 338). Por conseguinte, o sentimento do estranho está vinculado ao que foi reprimido, nas sombras, pois o encontro consigo mesmo é onde se esconde a própria estranheza. Uma vez que o que era familiar torna-se estrangeiro devido ao recalçamento a qual foi submetido.

Nas obras *Contos do imigrante* e *Laços de família*, os personagens são marcados pela estranheza perante a vida e aos seus círculos sociais. Neles, a sensação de estranheza é intrínseca ao sentimento de ser no mundo. São marcados pelo desajuste, pela cisão, pela fratura do consciente. Na contística de Rawet e Clarice, a alteridade é ficcionalizada nas entranhas da escrita, ela é recriada de forma autêntica e pujante. Maurício Rodrigues de Souza afirma que “os (dis)sabores do confronto com a alteridade são percebidas não somente enquanto presença ou afirmação, mas também na ausência e na negatividade” (2015, p. 780). No tecido da escrita dos autores, o eu não é o único dono de sua morada. Por conseguinte, não há nada de mais estrangeiro ao sujeito do que o seu próprio inconsciente.

A ideia que alicerça a pesquisa é aquela que ao tratar do “estranho não aborda exatamente um estrangeiro, mas detecta a estranheza do inconsciente na condição de inominável de nós mesmos” (SOUZA, 2015, p. 78). O estrangeiro ao eu e o eu-estrangeiro que já foi estabelecido por Freud e que também é aludido por Julia Kristeva, que pondera a

reconciliação do sujeito através do outro e do reconhecimento da estranheza constitutiva da própria subjetividade. Souza reitera ao dizer que o “estrangeiro desconcerta por repousar naquilo que temos de mais íntimo – ou melhor, de estranhamente familiar: o próprio inconsciente” (2015, p. 94). Dado isso, ele abrevia que a alteridade está ligada a uma concepção de subjetividade marcada pela cisão.

De acordo com Neusa Santos Souza, para a psicanálise “o estrangeiro é o eu” (1998, p. 155). A partir desse raciocínio é importante notar como a questão da identidade tem sido debatida por pesquisadores, que constataam no indivíduo moderno uma fragmentação. Stuart Hall afirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (2014, p. 12). Dessa maneira, para Hall o sujeito pós-moderno é fruto das transformações estruturais e institucionais, que produz uma identidade não fixa muito menos permanente, em alguns momentos contraditória ou não resolvida.

O sujeito e o discurso produzido por ele estão envolvidos com a constituição da identidade. Ainda, segundo Hall, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ele afirma:

Outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidades, juntamente com o aumento de polarização com elas. Esses processos constituem a segunda e terceira consequências possíveis da globalização, anteriormente referidos – a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades (2014, p. 50).

As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito (lugar de fala) que as práticas discursivas constroem para nós. Hall esclarece que uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (2014, p. 12), para o sujeito discursivo, a identidade é plural e fragmentada, própria de deslocamentos e ao caráter heterogêneo de constituição de sujeito, que está sempre em construção. Ou seja, o indivíduo é pensado em sua condição paradoxal, o eu dividido, discordante, diferente de si mesmo. É esse eu em total condição contraditório e inconciliável que vive nos contos rawetianos e claricianos.

Visto que o eu na verdade é sua divisão, e não síntese. Esse estrangeiro que, desde sempre, vive em nossa casa, é o que há de mais familiar, de mais estranho, de mais exterior e de mais íntimo. Assim, todo o encontro com o outro é semeado de obstáculos. Para Eugène Enriquez, “o laço social se apresenta, desde o início, como um laço trágico” (1998, p. 37). Ele obriga a perceber que os outros existem não como objeto para a satisfação pessoal, mas como donos de seus desejos e atos. Enriquez (1998) afirma que a razão pela qual as sociedades sempre trataram muito mal a questão da alteridade é que tentaram identificar os indivíduos, e classificá-los, e fazendo-o, na maior parte do tempo, não chegaram senão a distinguir “os de dentro” e “os de fora” (quer se trate da nação, da classe, da etnia, da raça, da região, da comunidade).

Samuel Rawet e Clarice Lispector instauraram uma nova forma de escrever o conto brasileiro, quando rompem com a tradição ficcional vigente na época. Stefania Chiarelli convida a refletir que certamente o novo leitor “convocado pela narrativa de Clarice – que mergulha fundo na subjetividade e tangencia a temática do estrangeiro – reuniria condições de receber o impacto que está na obra de Rawet” (2007, p. 98). Sendo assim, a rebeldia aos vínculos e convenções atravessam tanto a obra rawetiana quanto a clariciana. Tanto em uma quanto em outra, os personagens encontram-se à margem e estão constantemente diante da impossibilidade de ser no mundo.

Em vista disso, o estrangeiro que vagueia nos contos claricianos e rawetianos é o estranho que está em nossa morada, é o outro que há em nós, esse outro que nos habita, mas nos é tão pouco familiar. O estrangeiro carrega o traço do não pertencimento, dessa forma Julia Kristeva diz:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui parada. Pontos de referência, nada mais (1994, p. 15).

A ideia apresentada por Kristeva aborda a impossibilidade que rege aquele que está em desajuste. O enraizamento é utópico, pois a solidão do estrangeiro não encontra refúgio. Ele sente-se estranho, mesmo que o indivíduo “seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social, é considerado e

visto como um não pertencente” (SIMMEL, 2005, p. 271). Pois há a sensação de ser uma “peça extra”, de não fazer parte daquele meio, algo que Georg Simmel explicita ao dizer que “o estrangeiro penetra, até certo ponto, como um extra em um círculo determinado” (2005, p. 266). Em seus estudos, Julia Kristeva aponta a condição existencial do estrangeiro que reside em cada ser humano:

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruina a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o ‘nós’ precisamente emblemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades (1994, p. 9).

Nas obras de Rawet e Clarice, o sujeito em trânsito é presença recorrente. São personagens que se encontram reiteradamente cindidos pela impossibilidade de ser no mundo. A tônica dessas narrativas é o sujeito estranho a si próprio e aos vínculos afetivos que o rodeiam. Em *Contos do imigrante*, ser estrangeiro abarca tanto a territorialidade quanto a condição existencial. *Laços de família* apresenta-nos a temática da estranheza íntima e tangencia a territorialidade. Contudo, o encontro com o outro e a forma como esse embate se desenvolve de forma a constituir o eu, são elementos fundamentais para o diálogo dessas obras a partir do recorte realizado. A marca do não pertencimento, a qual Kristeva aborda, atravessa os contos rawetianos e claricianos, de forma que a alteridade configura-se como o âmago das experiências humanas vividas pelos personagens.

A concepção de Kristeva é que todos somos estrangeiros em nossa morada. Algo que remonta a ideia de que “há sempre em nós um duplo” (ENRIQUEZ, 1998, p. 39). Logo, reconhecer sua própria estranheza é encontrar a si mesmo com surpresa, é também encontrar os outros, na medida em que fazem parte de nós mesmos, e dialogar com seres sempre desconcertantes. A perspectiva do estrangeiro como condição existencial é intrínseca às obras rawetiana e lispectoriana. Todos temos o duplo, o estranho, o estrangeiro dentro de nós. Portanto, o estrangeiro é o outro que nos compõe, ele é o outro que nos impulsiona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Samuel Rawet e Clarice Lispector foram naturalizados brasileiros, oriundos de famílias estrangeiras e foram marcados pelo duplo pertencimento; seja pela negação da estrangeiridade, no caso de Clarice, ou pela convivência atribulada com esse estrangeirismo, no caso de Rawet.

Dessa forma, esse estudo procurou compreender de que forma a alteridade fora ficcionalizada nos contos rawetianos e claricianos. Para tanto, lembramos que segundo Julia Kristeva, ser estrangeiro ultrapassa os limites geográficos, todos somos estrangeiros de nós mesmos. Assim, os personagens das obras *Contos do imigrante* e *Laços de família* vivem sob o signo do desajuste e da desagregação. Nas obras, o inenarrável paradoxo de ser estrangeiro ao mundo torna-se tangível.

Conforme Arthur Rimbaud: “Eu é um outro” (1983, p. 34). Por essa razão é possível compreender que a identidade do indivíduo é definida por esse confronto: a partir do momento em que eu conheço o outro, conseqüentemente reconheço a mim. Esse embate que está longe de ser excludente, é sim o oposto, como Rimbaud revela-nos, o outro é parte constituinte do eu.

Dessa maneira, noto nas obras *Contos do imigrante* e *Laços de família* o que podemos denominar como “a poética da alteridade”, que fora definida por Rita Olivieri-Godet (2007, p. 233) como uma “modalidade da ficção contemporânea brasileira que interroga o confronto com o lugar do estranho como processo de ampliação do espaço imaginário nacional além de suas íntimas fronteiras”. A escrita de Samuel Rawet e Clarice Lispector é a confluência das margens do eu e do outro, em que os autores transfiguram a alteridade forma íntima e original.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. *La Transparence du mal*. Paris: Galilée, 1990.

_____. *A transparência do mal* (Trad. Estela dos Santos Abreu). 7 ed. Campinas: Papirus, 2003.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

ENRIQUEZ, Eugène. “O judeu como figura paradigmática do estrangeiro”. In: KOLTAL, Anais do IX Sappil – Estudos de Literatura, UFF, nº 1, 2018.



Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil* : (“O homem dos lobos”): *além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza . São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GODET, Rita Olivieri. “Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa contemporânea brasileira”. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 29, p. 233-252, jan.-jun. 2007.

GOTLIB, Nádya. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. *Cultura e representação*. (Trad. Daniel Miranda e William Oliveira). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOMEM, Maria Lucia. *No limiar do silêncio e da letra: traços de autoria em Clarice Lispector*. São Paulo: Boitempo; Edusp, 2012.

KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos* (Trad. Maria Carlota C. Gomes). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

MOURA, Jean-Marc. *Exotisme et lettres francophones*. Paris: PUF, 2003.

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

_____. “A necessidade de escrever contos”. In: CONDE, Ronaldo. *Correio da Manhã/ Caderno Anexo*. Rio de Janeiro, Ano LXXI, n. 24.128, 07/12/1971, p. 1.

RIMBAUD, Arthur. *Correspondências*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMMEL, Georg. “O estrangeiro” (Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury). In: *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, n. 12, vol. 4, 2005, p. 265 - 271.

SOUZA, Neuza Santos. “O estrangeiro: nossa condição”. In: KOLTAI, Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. *Experiência do Outro, Estranhamento de Si: Dimensões da Alteridade em Antropologia e Psicanálise*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.



TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIEIRA, Nelson. “Ser judeu e escritor – três casos brasileiros...”. In: SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectivas, 2003.